

Contar a história da Asduerj demanda um esforço para contornar a inexistência ou precariedade de registros, sobretudo, fotográficos dos seus primeiros anos. Para além da memória de seus fundadores e da documentação mantida nos seus acervos pessoais, há pouco material disponível.

Para este número especial que homenageia os 45 anos da Asduerj, tentamos suprir parte desta lacuna recorrendo a uma breve pesquisa nos acervos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e no Núcleo de Memória, Informação e Documentação (MID) da Rede Sirius/Uerj. Se ainda não são satisfatórios os primeiros resultados deste trabalho, feito de forma assistemática e condensado pelas pressões incessantes da luta diária do sindicato, o que ele demonstra já é revelador da importância da trajetória da Asduerj para a construção do que é hoje a Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Apresentamos a seguir um resumo do que foi possível encontrar, nesta pesquisa, nos periódicos e imagens disponíveis nos acervos, tomando como exemplo dois pontos essenciais da atuação da Asduerj ao longo deste período: a luta pela democracia universitária e a luta por conquistas salariais. As duas pautas, não por acaso, se conectam ao longo desta trajetória, demonstrando como a unidade do movimento docente, estudantil, de técnicas e técnicos foi fundamental para o fortalecimento da democracia na universidade e a conquista de direitos para a sua comunidade.

Fragments de uma história

DEMOCRACIA UNIVERSITÁRIA

Desde sua fundação, a Asduerj foi um agente fundamental no processo de democratização da universidade. Em 1983, organizou a primeira consulta direta para o cargo de Reitor realizada numa universidade brasileira.

Em depoimento para a Revista Advir, em julho de 2010, o professor Ricardo Santos, então presidente da Asduerj, lembra do movimento como “uma das grandes lutas dos primeiros anos da entidade”.

“Foi a primeira experiência deste tipo no país. Nesta consulta, foram eleitos Hésio Cordeiro e Ivo Barbieri (ambos sócios-fundadores da Asduerj) e com ampla vantagem sobre o segundo colocado. O governador Brizola, porém, escolheu seu nome de confiança e não os eleitos. Rasgamos sua carta-compromisso assumida durante a campanha e houve novo protesto e mobilização. Ivo Barbieri foi nomeado Vice-Reitor de Charley Fayal. Posteriormente, com a Constituinte de 1988, a eleição direta para Reitor se tornou legal. Os dois primeiros reitores da Uerj eleitos foram Ivo Barbieri e depois Hésio Cordeiro”.



Fotos: 1983: consulta à comunidade acadêmica para a escolha de reitor e vice-reitor

Fonte: Núcleo de Memória, Informação e Documentação - MID, da Rede Sirius/Uerj

Protesto da Asduerj foi destaque na imprensa da época

A primeira consulta à comunidade para a escolha do Reitor da Uerj foi destaque em jornais da época. Em uma de suas matérias, o jornal “Última Hora” destacava o repúdio da Uerj à escolha do governador que desrespeitou a decisão da comunidade.

No texto, o jornal informa que “Enquanto Charley Fayal de Lira era empossado pelo governador Leonel Brizola, em solenidade no Palácio Guanabara, no cargo de reitor, na Uerj realizava-se um ato de repúdio contra o novo reitor. (...) Os organizadores do protesto lembraram a promessa de Leonel Brizola candidato a governador, feita em forma de termo de compromisso datado de 21 de setembro de 82, quando se comprometeu a tomar medidas efetivas que propiciassem as mais amplas condições para o exercício da democracia na Uerj. Essas condições seriam eleições diretas para reitor e diretor, implementação e favorecimento da livre organização dos funcionários, professores e estudantes, que participariam nos conselhos e departamentos da universidade, enquanto as verbas seriam usadas de acordo com o interesse e decisões da comunidade acadêmica. O termo de compromisso foi rasgado ontem, durante o ato, pelo presidente da Asduerj”.

“Queriam uma marionete, que não atende aos requisitos básicos de democratização da universidade porque

tem um passado de repressão”, afirmava o professor Ricardo Santos ao Última Hora. O jornal lembrava que a acusação referia-se “à época em que Fayal era diretor da Faculdade de Odontologia e impedia a filiação dos dentistas à Associação dos Docentes”.

A matéria informa ainda que a Asduerj havia entrado com um mandado de segurança contra a indicação do novo reitor com pedido de liminar ao Tribunal de Justiça, a fim de sustar a posse”.

Ao longo das quatro décadas seguintes, a atuação da Asduerj nas eleições da Uerj teve como foco o fortalecimento dos instrumentos de participação que ajudou a construir. Um exemplo foi a realização, junto ao DCE e Sintuperj, do debate que lotou a Capela Ecumênica da Uerj, em outubro de 2023, na última eleição para a Reitoria reunindo as três chapas candidatas (foto).

A Asduerj, no entanto, continuará a prezar por sua autonomia e independência em relação a partidos, governos ou instâncias administrativas da Uerj, buscando sempre o diálogo e a negociação, com qualquer daquelas ou daqueles que ocupem momentaneamente espaços de poder, na defesa dos direitos de sua base sindical e na luta por uma universidade pública, gratuita, democrática e socialmente referenciada.



Imagem: Recorte do Jornal Última Hora do dia 3 de janeiro de 1984, com fotos de Leonel Brizola dando posse ao Reitor Charley Fayal e ao lado o professor Ricardo Santos rasgando a carta compromisso do governador.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional



Foto: membros da Asduerj, Sintuperj e DCE-Uerj no último debate entre as chapas candidatas à reitoria da Uerj.

Fonte: Arquivo Asduerj

RECOMPOSIÇÃO SALARIAL

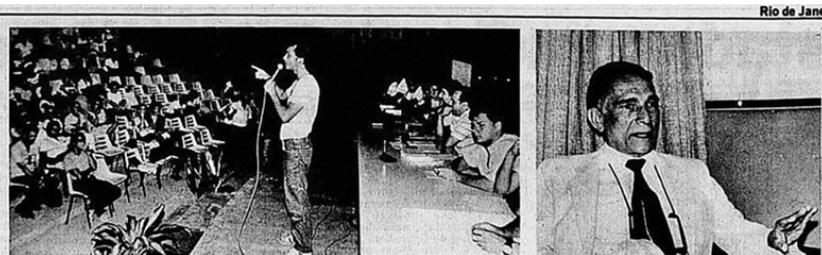
Em 1984, uma greve por reposição salarial e plano de cargos reuniu mais de duas mil pessoas em assembleias comunitárias no Teatrão da Uerj

Um professor titular da Uerj em regime de 40h, com mestrado e doutorado, ganha menos que o “chefe da Xerox” da Uerj. A denúncia feita pela Asduerj sobre a disparidade salarial na universidade abriu a reportagem do Jornal Última Hora, de 9 de novembro de 1984, sobre a greve de docentes, técnicas e técnicos, iniciada na Uerj no dia anterior.

A matéria informava ainda a pauta de reivindicações encaminhada em carta ao então Reitor da Uerj, Charley Fayal, no dia seguinte a deflagração do movimento. Os grevistas reivindicavam “20% de abono de emergência; reposição salarial para docentes e não docentes e implantação de cargos e salários dos servidores”.

O protesto maior do movimento, segundo o Jornal, era quanto à disparidade salarial dos docentes em relação a cargos comissionados que haviam sido reajustados pela Reitoria. Um chefe de secretaria teria passado a ganhar Cr\$ 840.000, enquanto um professor assistente, “que precisava ter mestrado”, como frisava o jornal, ganhava Cr\$ 740.000.

O Reitor contestava, mas abria a possibilidade de negociação ainda naquele ano. No entanto, o então secretário de Fazenda, César Maia,



Seiscentos professores e funcionários se reuniram ontem no teatro da Uerj

Uerj paga melhor na xerox do que na aula

Um professor titular da Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), trabalhando no campus do Maracanã em regime de 40h semanais, ganha hoje Cr\$ 2 milhões 172 mil. Para chegar a este cargo ele precisa ser formado em mestrado e doutorado. Com a mesma carga horária, o chefe do xerox da universidade ganha Cr\$ 2 milhões 520 mil. Este é um dos exemplos das disparidades salariais denunciadas pela Asduerj (Associação dos Docentes da Uerj). É também um dos motivos da greve que começou ontem.

Hoje, em consequência desta paralisação, o Hospital Pedro Ernesto – que forma com a Esdi (Escola de Desenho Industrial) e a Faculdade de Filosofia de Caxias os demais setores da Uerj – também deixou de funcionar somente os casos de emergência serão atendidos.

Ontem à tarde a Asduerj e a Asserj enviaram ao reitor Charley Fayal de Lira uma carta com as seguintes reivindicações: 20% de

abono de emergência a partir de 1/9 em folha suplementar de pagamento, ainda este mês; reposição salarial para docentes e não docentes e implantação imediata da carreira docente de cargos e salários dos servidores.

– Uma greve inédita – segundo o reitor. Nunca vi que se faça uma greve antes de se apresentar as reivindicações. Não recebi nada, nenhum documento, a não ser este que acaba de chegar.

Mas, segundo os professores, esta não era a primeira vez que se dirigiam à diretoria da universidade. “Há 15 dias o Conselho Universitário – órgão deliberativo que sanciona ou vota as regulamentações internas – recebeu uma carta com as reivindicações. Até a última segunda-feira o reitor não havia se manifestado”, diz o vice-presidente da Asduerj Luís Fernando Couto.

Este documento detalhava inclusive as perdas salariais. Um

professor titular de 40h, por exemplo, teve entre novembro de 79 e setembro de 84 uma diminuição de nove salários mínimos no seu ordenado. No mesmo período, um professor adjunto passou de 16 salários mínimos para 12.

Mas o maior protesto é em torno da reestruturação salarial dos cargos em chefia que, na época do envio da carta, estava para ser aprovado. A Asduerj mostrava como ficaria a situação exemplificando com os salários de setembro. Um chefe de secretaria passaria a ganhar Cr\$ 840.000 e um professor assistente, que precisa ter mestrado, trabalhando 20h, Cr\$ 740.000. Um assessor do reitor (que não é professor) teria um salário de Cr\$ 1.200.000 e um professor titular (com mestrado e doutorado), trabalhando 40h/semana, Cr\$ 1.440.000. Apesar das disparidades a resolução foi aprovada e publicada no dia 25/10 com retroação a 1/9. Isto ainda significou um aumento mais acentuado, pois o reajuste salarial – entre 50 e 55% – foi

em outubro. Os aumentos dos cargos em comissão vigorando a partir de setembro sofreram mais um acréscimo que, segundo o vice-presidente da Asduerj, chegou a 95%.

Charley Fayal argumenta que este é o início de toda uma reformulação do plano de carreira docente.

– Um professor de 40h não pode ganhar mais que um diretor. Ninguém queria mais ser diretor das faculdades. A greve foi precipitada. Mesmo paralisados, pretendemos divulgar na próxima segunda-feira entre professores e alunos os primeiros resultados a que chegou o grupo de estudo que examina o realocamento docente. Se aprovados, passaremos ao Conselho e tentaremos uma negociação a nível de Estado, absolutamente viável ainda este ano. Quanto às negociações, em conversa com o secretário de Fazenda, César Maia, este disse que “com greve não há qualquer negociação”.



Charley Fayal acha a greve inédita

declarava ao jornal que “com greve”, não havia negociação.

A matéria era ilustrada por uma foto da assembleia deflagrada da greve que, segundo a legenda do jornal, reuniu “seiscentos professores e funcionários” no “teatro da Uerj”.

A greve também foi tema da coluna do jornalista Sebastião Nery, na Tribuna da Imprensa, no dia 20 de novembro. O columnista afirmava ter sido “uma pena que o governador Leonel Brizola não tenha estado presente para ver o belo espetáculo de consciência política, de serenidade, de firmeza e de luta democrática, que foi a assembleia da greve da Uerj, no enorme teatro da Universidade, inteiramente lotado, com gente em pé por todos os cantos. Mais de mil professores e funcionários, com a mesa comandada por Ricardo Santos, presidente da Asduerj, Carlos Otaviano, presidente da Asserj e Ricardo Tepedino, presidente do DCE da Uerj”.

TRIBUNA DA IMPRENSA



Sebastião Nery

O Reitor biônico e a greve da UERJ

É uma pena que o governador Leonel Brizola não tenha estado presente, ou que alguém de sua assessoria pessoal não editasse lá, para ver o belo espetáculo de consciência política, de serenidade e firmeza de luta democrática, que foi a assembleia da greve da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), ontem à tarde, no enorme teatro da Universidade, inteiramente lotado, com gente em pé por todos os cantos. Mais de mil professores e funcionários, com a mesa comandada por Ricardo Santos, presidente da ASDUERJ (Associação dos Docentes da UERJ), Carlos Otaviano, presidente da ASUERJ (Associação dos Servidores da UERJ) e Ricardo Tepedino, presidente do DCE da UERJ. Além dos presidentes dos sindicatos e associações de toda a área universitária.

— O governador não iria mais consentir que porta-vozes da UERJ lhe dissessem que a greve é “coisa de um grupelho”. São 1.990 professores, 3.590 funcionários e 13 mil estudantes em greve total, sem exceção, e a não ser a curtiela estipendiada do gabinete do reitor. E uma greve para valer. Não adiantam outras feias, ameaças, polifalagens. Só há uma solução: o reitor e o Conselho Universitário chamarem professores e funcionários, e conversarem, dialogarem, negociarem. Essa história de “ou dá ou desce” é do Brasil de Médici. Acabou.

Poucos dias depois, no dia 7 de dezembro, o Jornal Última Hora voltava a falar da greve. Agora para noticiar a sua suspensão. A matéria também trazia uma foto da assembleia comunitária, que, desta vez, reunia cerca de 2 mil participantes.

Segundo o jornal, o governo aceitou negociar, indicando a possibilidade de um acordo satisfatório.

As assembleias comunitárias com poder de deliberar pela entrada e saída de greve permaneceram na Uerj até meados da década de 1990, quando a universidade chegou a ter alguns dos mais altos salários do país.

Em 2001, a vitoriosa greve que conquistou uma das últimas recomposições salariais por perdas inflacionárias para os docentes da Uerj culminou com um acampamento em frente ao Palácio Guanabara. A repercussão do seu desmonte na madrugada pela Polícia Militar forçou a negociação por parte do então governador Anthony Garotinho.

No início de 2024, os trabalhadores da Uerj voltaram ao Palácio Guanabara em unidade de ação com os servidores do estado, cobrando do governador Cláudio Castro, a duas últimas parcelas (não pagas) da recomposição salarial autorizada pela Lei nº 9.436 de 2021.



Professores e funcionários da universidade decidiram voltar ao trabalho e negociar diretamente com representante do Governo

Uerj suspende greve após 29 dias

Vamos suspender a greve - foi a decisão tomada, ontem, por dois mil participantes, entre professores e funcionários, da assembleia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), realizada no teatro da faculdade.

A Associação dos Docentes da UERJ continua entretanto a reivindicar o pagamento integral dos 29 dias paralisados, a não punição dos grevistas, a abertura na negociação com a presença de representantes do Estado e a formação de uma comissão de negociação.

Esta comissão seria composta por três representantes da Associação dos Servidores (Asserj), três da Associação dos Docentes (Asduerj), três do Diretório Central dos Estudantes (DCE) e mais quem o Estado e a Reitoria indicarem.

Os professores e funcionários da Uerj decidiram, ainda, aguardar até o próximo dia 18 para avaliar o andamento das negociações com a Reitoria. Neste dia será

realizada uma nova assembleia também no teatro da Universidade às 13 horas.

Desde outubro sem receber salário, os professores reivindicam que a Reitoria se comprometa a efetuar os pagamentos dos meses de novembro e dezembro sem descontos pelos dias paralisados. Luiz Tenório, que chefa o comando de greve do Hospital Pedro Ernesto, informou que os representantes do movimento grevista da universidade estiveram reunidos, ontem pela manhã, com o reitor Charley Fayal, que garantiu que o pagamento será efetuado até a próxima segunda-feira. Tenório adiantou ainda que os salários do Hospital já foram pagos sem desconto.

Ao saber do fim da greve, o Governo estadual resolveu designar um representante para as negociações com os funcionários, "pois agora haverá possibilidade de se chegar a um acordo satisfatório", mas o governador Leonel Brizola não se envolverá nas negociações.

